

P

A/Z



Cadernos de Tradução

Número 18 - janeiro / março - 2006

Fábulas de Fedro

Instituto de Letras - UFRGS



Cadernos de Tradução

Nº 18 , janeiro/março de 2006

Fábulas de Fedro

Organizadora:

Lúcia Sá Rebello

Instituto de Letras - UFRGS

UFRGS

Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades



INSTITUTO DE LETRAS - UFRGS

Diretor: Prof. Arcanjo Pedro Briggmann

Vice-Diretora: Profª. Rosalia Neumann Garcia

COMISSÃO EDITORIAL

Profª. Éda Heloisa Pilla

Profª. Lúcia Sá Rebello

Profª. Maria Lúcia Machado de Lorenci

Organizadora deste número:
Lúcia Sá Rebello

Capa e Editoração: Leandro Bierhals Bezerra - Núcleo de
Editoração Eletrônica do Instituto de Letras

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Letras
Av. Bento Gonçalves, 9500 CEP 91540-000 Porto Alegre-RS
Fone: (051) 33166689 Fax: (051) 33167303
<http://www.ufrgs.br/iletras>
E-mail: iletras@vortex.ufrgs.br

Sumário

Lupus et agnus / O lobo e o cordeiro	14
Vacca, capella, ovis et leo / A vaca, a cabrita, a ovelha e o leão	16
Asinus ad senem / O asno ao ancião	18
Homo et canis / O homem e o cão	20
Lupus et vulpis iudice simio / O macaco julgando o lobo e a raposa	22
Canis per fluvium carnem ferens / O cão levando carne pelo rio	24
De vulpe et uva / A raposa e a uva	26
Vulpis ad personam tragicam / A raposa à máscara trágica	28
Cervus ad fontem / O cervo junto à fonte	30
Pullus ad margaritam / O galo à pérola	32
Ranae regem petentes / As rãs pedindo um rei	34
Ranae ad solem / As rãs contra o sol	36
Rana metuens taurorum proelia / A rã temendo as brigas dos touros	38
Vulpes et ciconia / A raposa e a cegonha	40
Graculus superbus et pavo / O gralho presunçoso e o pavão	42
Rana rupta et bos / A rã arrebetada e o boi	44
Leo senex, aper, taurus et asinus / O leão senil, o javali, o touro e o asno	46
Lupus et gruis / O lobo e o grou	48

Fábulas de Fedro

Antes de passar às traduções das fábulas de Fedro que compõem este volume, cabe-nos apresentar este autor àqueles que, embora conheçam seus textos, têm pouco contato com a cultura no qual foram produzidos.

A história de Roma é a história da civilização moderna que encontra na civilização latina a sua base mais sólida. Segundo Enzo Marmorale, “as experiências das civilizações anteriores, incluindo a grega, teriam ficado sem efeito, ou pior, teriam caído na obscuridade da lenda, se Roma não as tivesse recolhido, completado e coordenado, fundindo-as no sopro animador da genialidade latina”¹. Do mesmo modo, a literatura latina não é apenas a história da expressão literária do povo romano; é uma literatura que compreende a própria história da literatura do mundo antigo.

Essa literatura, que poderia ser chamada de romana, pois o espírito que marca todas as manifestações literárias do povo latino provém de Roma, possui algumas características peculiares e inconfundíveis que a diferenciam de todas as demais.

Roma, ainda que politicamente tenha começado cedo a sua tarefa de organização e conquista, aparece tardiamente na história literária. As razões são múltiplas. Os habitantes da Itália pertenciam a diferentes raças. Por esse motivo foi mais lenta a conquista de uma unidade racial, sem o que não poderiam ter obtido a unidade espiritual. Dessa forma, a lenta formação dessa unidade fez com que Roma retardasse o processo de sua história literária. No entanto, não se pode dizer que os Latinos não eram aptos para a arte, visto que um povo que em pouco mais de dois séculos produz poetas e prosadores notáveis não é um povo sem genialidade, mas

¹ MARMORALE, E. V. *História da literatura latina*. Lisboa: Estúdios Cor, 1974. 2. v. p. 9.

um povo que reúne as suas forças cuidadosamente, atingindo tardia, mas triunfalmente, a sua perfeita maturidade espiritual.

Dentre essas características, pode-se ressaltar, em primeiro lugar, a origem helênica da literatura latina. É verdade que a história de Roma anterior à influência decisiva da Grécia registra o aparecimento de uma prosa rudimentar e de uma poesia com ritmos mal definidos, não havendo dúvidas de que essas primitivas manifestações, evoluindo de modo lento e normal, teriam desabrochado em uma literatura. No entanto, o contato que se estabelece com os gregos a partir da derrota de Tarento e, principalmente, durante o II séc. a.C., coloca os romanos frente à frente com uma literatura plenamente desenvolvida, rica, brilhante, com os principais gêneros literários tendo já alcançado o apogeu. Eis aí o motivo pelo qual, em Roma, os gêneros não se desenvolveram segundo a evolução natural, mas apareceram todos de uma vez. Assim, a literatura latina em seus primórdios é não apenas uma literatura de tradução, mas também uma literatura madura desde logo.

A segunda característica da literatura latina a ser mencionada é o seu cunho peculiar. Embora não se possa negar que os gregos influíram bastante sobre os romanos no que se refere às manifestações literárias, seria um erro imaginar a literatura latina como uma simples cópia ou pura imitação da grega. Os romanos não se limitaram a assimilar as obras literárias gregas: eles souberam dar-lhes um cunho próprio, um caráter nacional, tanto que, desde os primeiros autores, se constata a escolha de temas nacionais para obras escritas segundo as normas e gêneros literários gregos. A temática é, portanto, um traço de afirmação, comprovador da busca de autonomia. Dir-se-ia que “importavam” os recursos da expressão, enquanto construíam o “conteúdo” dessa expressão.

Uma terceira característica da literatura latina a ser destacada é o seu alcance universal, o qual pode ser visto sob três ângulos. Em primeiro lugar, é universal porque se nutre de inspiração de diferentes culturas e de diferentes épocas e regiões; em segundo, porque é composta de autores de diversas nacionalidades; em terceiro e último lugar, porque a produção, ao apelar para sentimentos mais generosos da humanidade, alcança leitores de todas as latitudes.

A quarta característica da literatura latina a salientar é a sua unidade. Essa literatura só surgiu depois que o Estado Romano impôs uma unidade política e social aos diferentes povos da Península (275 a.C.). É de Roma que vêm a língua e as idéias: de Roma vêm também as expressões literárias. Esse caráter, unitário e assimilador, é o mais importante da literatura latina; além disto, está orientado para os interesses políticos: não nasce com manifestações artísticas de fantasia, mas com intenção de valorização his-

tórica. Tanto assim que não é possível separar a história literária de Roma da sua história política e civil. E, ao se afirmar isso, estamos reportando à quinta característica importante da literatura latina: a sua correspondência aos períodos históricos de Roma. Considerando com atenção a história do povo romano, observa-se que a mesma pode ser subdividida em quatro grandes períodos, a cada um dos quais corresponde uma época definida da literatura latina.

Ao primeiro período histórico, que se estende desde a fundação de Roma (753 a.C.) até o início das guerras contra Cartago, em 264 a.C., abrangendo, portanto, a monarquia e o início da república, corresponde à época em que a literatura latina nasce, se confirma e se desenvolve; essa é ainda uma fase pré-literária, e pode-se chamá-la de fase “pré-helênica”.

Ao segundo período da história de Roma, que vai desde 264 a.C. até o começo do primeiro século antes de Cristo (em 100 a.C. nasce Júlio César) e no qual encontramos a república no seu maior desenvolvimento, correspondem o início das manifestações literárias e o aparecimento das primeiras obras, mais ou menos influenciadas pelo helenismo; a essa fase da literatura pode-se chamar de “arcaica” ou “pré-clássica”.

Ao terceiro período, que é o da transição entre a república e o império (período cheio de complicações e tumultuosas revoluções), corresponde o máximo desenvolvimento da literatura, com uma rápida e grandiosa transformação da cultura romana, que em suas manifestações visa à exaltação do passado de Roma e da sua missão no mundo; essa época, que vai desde o ano 100 a.C. até a morte do primeiro imperador, em 14 d.C., pode ser denominada de “clássica” ou “áurea”, existindo dentro dela ainda uma subdivisão: época de César e época de Augusto.

O quarto e último período histórico romano, o do império até o seu desmembramento, que corresponde à última e complexa manifestação da literatura propriamente latina para surgir como literatura latino-cristã; inicia no ano 14 d.C. e se estende até o ano da queda do Império Romano do Ocidente (476 d.C.), denomina-se “pós-clássico”. É nesse período que se situa o autor que examinamos.

Na fase pós-clássica da literatura latina, a exemplo do que ocorre com as anteriores, as causas históricas e políticas refletem-se de modo direto na literatura, determinando suas características. Os sucessores de Augusto transformaram bem depressa o senso de equilíbrio que esse monarca conseguira em monarquia absoluta e tirânica, sem mais procurarem levar as obras dos escritores àquela cooperação intelectual e moral que Augusto, ao contrário, grandemente usou. E, desse modo, Roma, ao ver-se privada dos antigos ideais e de um guia de mãos fortes que tomasse a seu encargo a administração dos interesses nacionais e das consciências, Roma peti-

mos, abate-se, perde-se, dobra-se sobre si mesma; forte não usa mais a própria força; grande, dobra-se à moleza dos costumes; temida, não vigia; não mais impelida ao entusiasmo, contenta-se com viver no reflexo; abafados os ideais, não pensa no futuro.

Conseqüentemente, a literatura, depois de tanto ardor, contenta-se com a repetição, caindo no vácuo, no ócio, na falsidade, ou tende à fantasia ou à introspecção sempre mais aguda do indivíduo. Únicos fulgores da força passada são as tentativas de alguma mente sã, que faz da literatura um instrumento de nova aspiração à liberdade contra a tirania imperial: são fulgores depressa apagados, porque não reúnem a intensidade de uma potência reconstrutora de ideal republicano. Chegamos à parte descendente da grande parábola histórica e literária de Roma.

É preciso, no entanto, ressaltar que, quando se fala de decadência literária na idade posterior à augusteana, é necessário fazer grandes restrições à palavra “decadência”. Com efeito, por mais de um século, desde a morte de Augusto até à do imperador Adriano (14-138 d.C.) – a chamada idade de prata da literatura latina – não se pode falar de verdadeira decadência, pois a arte se transforma, se enriquece de novas expressões, mesmo afastando-se do equilíbrio e da perfeição clássica. Na verdade, este é um período riquíssimo de vida literária variada e, em grande parte, original.

Somente da metade do II séc. d.C. em diante é que se pode verdadeiramente falar de decadência: a poesia perde-se em complicações técnicas; a eloquência esteriliza-se; em lugar da história e da filosofia fica apenas a erudição, sobretudo em forma de compilação e extratos de antigos escritores. E, já na segunda metade do III séc., vemos surgir a literatura cristã, que pouco a pouco substituirá a literatura latina.

Um dos grandes nomes da literatura latina dessa fase é Gaio Julio Fedro (15 a.C.-50 d.C.), nascido na Macedônia, o único escritor da época que se dirige a uma roda ampla de leitores e que alarga sua observação com intenções morais e sociais. Grande parte de suas fábulas, distribuídas em cinco livros – *Fabulae*, versa sobre temas já tratados por Esopo; mas às fábulas em que os personagens são os animais, ele acrescenta humanos, fatos históricos, episódios, palavras picantes, tornando a matéria mais atual e interessante, penetrando de um modo todo particular na sátira. O que Fedro faz, na verdade, é uma análise própria e muito sutil da alma humana, juntamente à pintura mordaz da sociedade de seu tempo.

Fedro utilizou para suas fábulas o cenário iâmico, um tipo de verso que se utilizava nas partes dialogadas das comédias. Ennio, Lucílio e Horácio já haviam recorrido à fábula de maneira ocasional, porém foi Fedro que contribuiu para fixar esse gênero e para dar-lhe a sua caracterização formal, a qual seguiriam fabulistas de todos os tempos.

Nas suas composições que chegaram até nós, observa-se que Fedro acrescentou a seus modelos esópicos outros elementos tomados também de fontes gregas, tendo, inclusive, criado suas próprias fábulas. Seu espírito satírico o deixa próximo de Pérsio, Juvenal e Horácio, porém o seu estilo é um pouco ríspido, razão pela qual, talvez, tenha sido pouco apreciado em seu tempo. Não obstante, seus versos são cuidadosamente elaborados, configurando-se em modelo de sensibilidade e concisão.

Contudo, não é difícil encontrar afirmações depreciativas acerca da qualidade, ou, mais concretamente, da falta de qualidade da literatura latina, não é pouco freqüente encontrar-se desqualificações dessa literatura, a qual se denomina de “cópia” da criação grega. Na realidade, e como é costume ocorrer nestes casos, trata-se de um problema de falta de perspectiva e de aplicação de parâmetros estéticos de uma época aos de outra.

Assim, encontramos-nos diante de uma impropriedade de apreciação estética, uma vez que se avaliam produtos artísticos da antiguidade de acordo com critérios impostos pela poética da contemporaneidade. Caso se aceite esta postura, deve-se ter muito cuidado para não ocorram certos “erros” de apreciação: pensar, por exemplo, que Fedro é um autor de segunda categoria porque “copiou” – termo, hoje, muito discutível – Esopo é falsear a realidade de um sistema literário cujo valor maior nunca foi a originalidade pessoal, senão o tratamento que se dava a questões pré-existentes, de modo que um autor não era valorizado por suas inovações e, sim, por sua capacidade de “imitar” e retomar os seus precursores.

Nesta linha de pensamento, cabe citar Mary Beard e John Henderson². Os autores problematizam os estudos da Antiguidade Clássica questionando que interesses nos direcionam para o estudo dos clássicos, com que finalidade este estudo é feito e até que ponto esses interesses e finalidades não estão, eles próprios, projetados em nosso objeto.

Do ponto de vista de Mary Beard e John Henderson, a cristalização de significados que se atribui ao legado da antiguidade, como se permanecessem sempre os mesmos, imutáveis, independente da posição em que se está como receptores, traiçoeiramente oculta as diferenças entre o nosso e o mundo antigo, confirmando semelhanças questionáveis. Talvez fosse mais honesto com os clássicos, e menos autoritário, considerar a diferença e, para haver uma aproximação dela, investigar como os autores ditos *clássicos* pensavam sua cultura e representavam suas instituições. Não deixará de ser proveitoso observar, nesse empreendimento, que as formas a que

² BEARD, Mary; HENDERSON, John. *Antiguidade clássica: uma brevíssima introdução*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

durante séculos de estudos clássicos reduzimos os resíduos da antiguidade, submetendo-os a procedimentos analíticos que ignoravam seus códigos de produção, podem revelar mais de nós mesmos do que dos romanos ou dos gregos. Para os autores, ao lermos textos antigos, inevitavelmente nos envolvemos em uma *discussão* com os escritores antigos que, por seu lado, estão discutindo a sua própria cultura. Não há dúvida de que se pode apreciar a literatura antiga. É correto, também que se utilizem os textos antigos para colher dados sobre a Antiguidade, uma vez que não se pode conhecer os fatos do mundo antigo sem a sua ajuda. Porém, deve-se ter claro que os clássicos representam muito mais do que isso. Estabelecem um compromisso com uma cultura que já se comprometera em refletir, debater e estudar tanto a si mesma, como a questão de saber o que vem a ser uma cultura.

A obra de Fedro, portanto, está comprometida com os padrões estéticos de sua época. O poeta é um *clássico* e *pensa* como tal, refletindo o seu posicionamento no próprio fazer poético. Lembremos que “os conceitos de originalidade e individualidade estão intimamente vinculados à idéia de subversão da ordem anterior, pois o texto inovador é aquele que possibilita uma leitura diferente daqueles que o precederam e, desse modo, é capaz de revitalizar a tradição instaurada”³.

Refletindo sobre poesia e história, diz Octavio Paz que “as palavras do poeta, justamente por serem palavras, são suas e alheias. Por um lado, são históricas, pertencem a um povo e a um momento da fala desse povo, são algo datável. Por outro lado, são anteriores a toda data: são um começo absoluto”⁴.

Portanto, quando estudamos a literatura latina, estamos observando um produto cultural baseado em uma concepção filosófica bastante diferente da atual. Deste modo, não se concebe falar de falta de originalidade da literatura latina. Os autores romanos no pretendiam ser diferentes dos gregos, apenas seguiam um caminho já traçado pela tradição.

Sabe-se que, pelo importante papel que representa na comunicação entre culturas, a tradução é fundamental. A ela se devem as trocas de informações e de conhecimentos em diferentes campos do saber, desde o político, social e cultural ao científico e tecnológico. Como meio de comunicação poderoso, é através dela, e do papel desempenhado pelos tradutores, que um autor ou uma determinada cultura são transferidos para outras culturas. No entanto, a força da tradução não se restringe à difusão de conhe-

³ CARVALHAL, Tania Franco. *1º Seminário latino-americano de literatura comparada*. Porto Alegre: UFRGS, 1986. 2 v. p. 42.

⁴ PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p. 226.

cimento. Mais do que isso, importa ressaltar a influência que exerce para a evolução das culturas receptoras, quando passam a interagir com as produções nacionais e a formar diferentes tendências no novo meio.

Segundo Jean Delisle e Judith Woodsworth⁵, estudar a história da tradução é estudar 25 séculos de história de todas as línguas faladas e sua inter-relação. Ou seja, a história do próprio mundo. Portanto, diante das diversas posturas teórico-críticas que fazem parte dos estudos da tradução, a pergunta que surge é qual deve ser considerada como a mais adequada para a análise do *corpus* eleito para este estudo tendo em vista que se está examinando um sistema lingüístico que pode ser considerado estante na sua constituição gramatical. Hoje, não há falantes maternos de latim. A comunidade que conhece esta língua é, prioritariamente, de leitores das obras latinas.

Assim, para a tradução das fábulas de Fedro, assumiu-se que o tradutor, além de mediar, transpõe e adiciona sentidos através de dois sistemas lingüísticos. Por outro lado, já não se pode mais entender uma tradução como simples transferência de código lingüístico, mas como uma transposição que integra o contexto cultural e a percepção do mundo e das coisas, mesmo em se tratando da língua latina. Portanto, o tradutor deverá estar atento à estrutura do discurso como um todo, o qual traz em si os valores do autor do texto original e, dessa forma, empregar estratégias textuais que permitam transmitir esses valores presentes na função discursiva da língua-fonte para a língua-alvo. Assim, o tradutor, já considerado, então, co-autor, estará em contato com uma mensagem original e, a partir de sua tradução, transformará a mesma em uma outra, na língua-alvo, podendo esta não ser, sempre, idêntica àquela.

Evidentemente, entra em jogo, nessa estratégia tradutória, a questão do processo interpretativo que vai sendo delineado a partir de sua “leitura” do texto-fonte. Portanto, fica evidente que, ao assumir um papel de co-autor, o tradutor assume, também, estarem suas escolhas diretamente vinculadas a si próprio e à sua comunidade, ou seja, àqueles a quem se dirige a tradução, carregando valores do grupo social e da cultura aos quais ele também pertence.

Traduzir é entrar em um universo permeado por relações que se inter cruzam, se interpenetram e que, às vezes, geram um novo texto. O objetivo deste trabalho foi, sobretudo, contribuir com a prática pedagógica de cursos de graduação nos quais a literatura latina é trabalhada, orientan-

⁵ DELISLE, Jean; WOODSWORTH, Judith. *Os tradutores na história*. São Paulo: Ática, 1998.

do o *potential translator*, como chama Lefevere⁶, para que aprenda a agir de cima para baixo, ou seja, do contexto cultural do texto para a estrutura deste mesmo texto (parágrafos, linhas, frases e palavras), da macro para a microestrutura.

Acredita-se que, como uma tarefa de sala de aula, a tradução conjunta destas dezoito fábulas, envolvendo pesquisa – lingüística e literária – e discussão dos textos entre os “tradutores”, configurou-se como um trabalho enriquecedor que deverá ser repetido sempre que possível.

Agradeço a colaboração e o trabalho dos acadêmicos Alessandra Bittencourt Flach, Luciana de Moraes Schenkel, Miriam Queiroz Muller, Alessando Pereira Rodrigues, Itanajara Neves, Elenor do Amor Divino, Sandro Alex Araújo de Souza, Tamara Melo de Oliveira, Érika Cesário da Silva Pessoa, Adriana Grumann, Felipe Diego da Silva e Guilherme Aquino Mendicelli.

Lúcia Sá Rebello

⁶ LEFEVERE, André. *Translation/History/Culture*. London: Routledge, 1992.

Fábulas

UFRGS

Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades

LUPUS ET AGNUS

Ad rivum eundem lupus et agnus venerant
 siti compulsi. Superior stabat lupus
 longeque inferior agnus. Tunc fauce improba
 latro incitatus iurgii causam intulit;
 'Cur' inquit 'turbulentam fecisti mihi
 aquam bibenti?' Laniger contra timens
 'Qui possum quaeso facere quod quereris lupe?
 A te decurrit ad meos haustus liquor'.
 Repulsus ille veritatis viribus
 'Ante hos sex menses male' ait 'dixisti mihi'.
 Respondit agnus: 'Equidem natus non eram'.
 'Pater hercle tuus' ille inquit 'male dixit mihi';
 atque ita correptum lacerat iniusta nece.
 Haec propter illos scripta est homines fabula
 qui fictis causis innocentes opprimunt.

O LOBO E O CORDEIRO¹

Ao mesmo rio, chegaram o lobo e o cordeiro,
 levados pela sede; mais acima estava o lobo,
 e bem mais abaixo, o cordeiro. Então, instigado pela voracidade
 excessiva,
 o malvado inventou um motivo para a discussão.
 "Por que, pergunto, tornaste turva a água que bebo?"
 O carneiro² temeroso, responde:
 "Peço que me digas, lobo, como posso fazer o que reclamas!
 De ti para mim, o líquido vem³."
 Aquele, desmentido pelas evidências:
 "Há seis meses, disse, falaste mal de mim."
 Respondeu o cordeiro: "Com certeza, eu nem era nascido."
 "Por Hércules, então teu pai falou mal de mim."
 E assim, estraçalha o cordeiro, apanhado pela morte injusta.
 Esta fábula foi escrita para aqueles homens
 que, com falsos pretextos, oprimem inocentes.

¹ Tradução de Alessandra Bittencourt Flach, Luciana de Moraes Schenkel e Miriam Queiroz Muller.

² N.T. Alternamos a tradução carneiro / cordeiro, a exemplo do autor, que utiliza *laniger* / *agnus*.

³ N.T. Optamos por traduzir *ad meos haustus* como *para mim*, ao invés da tradução literal, *para os meus sorvos*, a fim de evitar o estranhamento no português.

VACCA, CAPELLA, OVIS ET LEO

Numquam est fidelis cum potente societas.
 Testatur haec fabella propositum meum.
 Vacca et capella et patiens ovis iniuriae
 socii fuere cum leone in saltibus.
 Hi cum cepissent cervum vasti corporis
 sic est locutus partibus factis leo:
 'Ego primam tollo nominor quoniam leo;
 secundam quia sum fortis tribuetis mihi;
 tum quia plus valeo me sequetur tertia;
 malo adficietur si quis quartam tetigerit'.
 Sic totam praedam sola improbitas abstulit.

A VACA, A CABRITA, A OVELHA E O LEÃO⁴

Uma sociedade com um poderoso nunca é segura.
 Esta pequena estória confirma meu propósito.
 A vaca, a cabrita e a ovelha, acostumada a sofrer,
 aliaram-se ao leão na floresta.
 Estes, tendo capturado um grande cervo⁵,
 feita a divisão, assim falou o leão:
 "Eu levo a primeira parte, porque me chamo leão;
 a segunda vocês darão a mim, porque sou forte;
 então, como valho mais, a terceira me seguirá;
 se alguém tocar a quarta, será atingido pelo mal."
 Assim, só a maldade levou toda a presa.

⁴ Tradução de Alessandra Bittencourt Flach, Luciana de Moraes Schenkel e Miriam Queiroz Muller.

⁵ N.T. *Cervum vastis corporis* foi traduzido apenas por *grande cervo*, por não ser usual, em português, a expressão *cervo de grande corpo*.

ASINUS AD SENEM

In principatu commutando civium
nil praeter domini nomen mutant pauperes.
Id esse verum parva haec fabella indicat.
Asellum in prato timidus pascebat senex.
Is hostium clamore subito territus
suadebat asino fugere ne possent capi.
At ille lentus 'Quaeso num binas mihi
clitellas impositurum victorem putas?'
Senex negavit. 'Ergo quid refert mea
cui serviam clitellas dum portem unicam?'

O ASNO AO ANCIÃO⁶

Mudando o principado da cidade, as mais das vezes,
Em nada, exceto o nome do senhor, mudam os pobres.
Que isto vale, esta pequena fabulazinha o indica.
O burrico no prado, o tímido ancião apascentava.
Este, subitamente apavorado pelo grito de guerra inimigo,
instigava o asno a fugir, para que não fossem capturados.
Mas aquele, lento: "A ti indago, acaso julgas que a mim
albardas dobradas o vitorioso há de impor?"
O velho negou. "Portanto, o que me importa
a quem sirva, contanto que carregue minhas albardas?"

⁶ Tradução de Amanda Blanco

HOMO ET CANIS

Laceratus quidam morsu vehementis canis
 Tinctum cruore panem misit malefico
 Audierat esse quod remedium vulneris.
 Tunc sic Aesopus: «Noli coram pluribus
 Hoc facere canibus ne nos vivos devorent
 Cum scirent esse tale culpa praemium.”
 Successus improborum plures allicit.

O HOMEM E O CÃO⁷

Dilacerado, um certo homem, pela mordida de um cão feroz
 o pão tinto de sangue lançou ao malfazejo,
 pois ouvira ser isso o remédio para a ferida.
 Então Esopo: “Caso não queiras que nos devorem,¹
 Não faças tal diante de mais cães
 quando souberem ser esta a recompensa do crime.”
 O sucesso dos perversos atrai muitos.”

⁷ Tradução de Amanda Blanco.

LUPUS ET VULPIS IUDICE SIMIO

Quicumque turpi fraude semel innotuit
 etiam si verum dicit amittit fidem.
 Hoc adtestatur brevis Aesopi fabula.
 Lupus arguebat vulpem furti crimine;
 negabat illa se esse culpa proxima.
 Tunc iudex inter illos sedit simius.
 Uterque causam cum perorassent suam
 dixisse fertur simius sententiam:
 "Tu non videris perdidisse quos petis;
 te credo subripuisse quod pulchre negas."

O MACACO JULGANDO O LOBO E A RAPOSA⁸

Aquele que se torna conhecido por uma mentira⁹,
 ainda que diga a verdade, perde o crédito.
 Isto é atestado por uma fábula de Esopo.
 O lobo acusava a raposa de furto¹⁰;
 e como¹¹ ela negava ser culpada¹²,
 o macaco tomou assento, como juiz, entre as partes.
 Visto que ambas perorasssem a sua causa,
 conta-se que o macaco emitiu seu parecer:
 "Tu não pareces ter perdido isto que reclamas; quanto a ti¹³,
 penso que surrupiaste o que terminantemente negas."

⁸ Tradução de Alessandro Pereira Rodrigues, Itanajara Neves, Elemar do Amor Divino e Sandro Alex Araújo de Souza.

⁹ N.T. *Turpi fraude* foi traduzida por *mentira* para contrapor-se a *verum* (verdade).

¹⁰ N.T. *Furti crime* foi traduzida simplesmente por furto, para evitar a redundância da tradução literal (crime de furto).

¹¹ N.T. "*E como*..." foi acrescentado para se omitir a expressão *tunc* (então).

¹² N. T. *Culpa proxima* foi traduzida por simplesmente culpada.

¹³ N.T. "*quanto a ti*" foi acrescentado para explicitar que o macaco profere a sentença ao lobo e à raposa, respectivamente.

CANIS PER FLUVIUM CARNEM FERENS

Amittit merito proprium qui alienum adpetit.
 Canis per fluvium carnem cum ferret natans
 lympharum in speculo vidit simulacrum suum
 aliamque praedam ab altero ferri putans
 eripere voluit; verum decepta aviditas
 et quem tenebat ore dimisit cibum
 nec quem petebat adeo potuit tangere.

O CÃO LEVANDO CARNE PELO RIO¹⁴

Perde com justiça o próprio quem cobiça o alheio.
 O cão, ao nadar pelo rio, levava consigo¹⁵ um pedaço de carne,
 no espelho das águas, viu sua própria imagem refletida
 e, imaginando outra presa por outro cão levada,
 quis arrebatá-la; contudo, sua cobiça foi traída,
 e deixou escapar o alimento que trazia na boca
 sem que pudesse tocar aquilo que cobiçava.

¹⁴ Tradução de Alessandro Pereira Rodrigues, Itanajara Neves, Elemar do Amor Divino e Sandro Alex Araújo de Souza.

¹⁵ N.T. *Consigo* foi acrescentado por razões eufônicas.

DE VULPE ET UVA

Fame coacta vulpes alta in vinea
 uvam adpetebat summis saliens viribus.
 Quam tangere ut non potuit discedens ait:
 «Nondum matura es; nolo acerbam sumere.»
 Qui facere quae non possunt verbis elevant
 adscribere hoc debebunt exemplum sibi.

A RAPOSA E A UVA¹⁶

O soberbo desdenha aquilo que não pode ter.
 Pela fome coagida, a raposa, na alta videira,
 a uva buscava, saltando com todas as forças.
 Mas, não podendo tocá-la, saindo ela disse:
 “Ainda não está madura. Não quero tão verde comê-la.”
 Os que desdenham com palavras aquilo que não podem fazer
 Deverão aplicar a si mesmos este exemplo.

¹⁶ Tradução de Alessandro Pereira Rodrigues, Itanajara Neves, Elemar do Amor Divino e Sandro Alex Araújo de Souza.

VULPIS AD PERSONAM TRAGICAM

Personam tragicam forte vulpes viderat;
 quam postquam huc illuc semel atque iterum verterat
 'O quanta species' inquit 'cerebrum non habet!'
 Hoc illis dictum est quibus honorem et gloriam
 Fortuna tribuit sensum communem abstulit.

A RAPOSA À MÁSCARA TRÁGICA¹⁷

Uma máscara trágica, que, para lá e para cá,
 uma vez e de novo, se movimentava, a raposa avistou.
 "Quanta beleza", disse, "mas cérebro não tem!"
 Isso se aplica àqueles a quem honra e glória
 a fortuna concedeu, tirando-lhes, no entanto, o bom senso.

¹⁷ Tradução de Lucia Sá Rebello.

CERVUS AD FONTEM

Laudatis utiliora quae contempseris
 saepe inveniri testis haec narratio est.
 Ad fontem cervus cum bibisset restitit
 et in liquore vidit effigiem suam.
 Ibi dum ramosa mirans laudat cornua
 crurumque nimiam tenuitatem vituperat
 venantum subito vocibus conterritus
 per campum fugere coepit et cursu levi
 canes elusit. Silva tum excepit ferum;
 in qua retentis impeditus cornibus
 lacerari coepit morsibus saevis canum.
 Tum moriens edidisse vocem hanc dicitur:
 'O me infelicem qui nunc demum intellego
 utilia mihi quam fuerint quae despexeram
 et quae laudaram quantum luctus habuerint.'

O CERVO JUNTO À FONTE¹⁸

O que desprezares, sempre, será julgado mais útil
 do que as coisas louvadas, testemunha esta narrativa.
 Junto à fonte, o cervo, tendo bebido, parou
 e, na água, viu a sua imagem.
 Ali, mirando, elogia os chifres galhardos.
 E, das pernas, critica a excessiva finura.
 Aterrorizado, súbito, com o vozerio dos caçadores,
 pelo campo começa a fugir e, com veloz carreira,
 dos cães escapou. Então, a floresta acolheu o animal;
 nela, impedido pelos chifres embaraçados,
 começou a ser despedaçado pelas mordidas selvagens das feras.
 Então, morrendo, conta-se ter dito esta frase:
 "Infeliz de mim, que só agora entendo
 o quanto aquilo que desprezei me foi útil,
 e, o elogiado, quanta desgraça trouxe".

¹⁸ Tradução de Lucia Sá Rebello.

PULLUS AD MARGARITAM

In sterculino pullus gallinacius
 dum quaerit escam margaritam repperit.
 "Iaces indigno quanta res" inquit "loco!
 Hoc si quis pretii cupidus uidisset tui
 olim redisses ad splendorem pristinum.
 Ego quod te inueni potior cui multo est cibus
 nec tibi prodesse nec mihi quicquam potest."
 Hoc illis narro qui me non intellegunt.

O GALO* À PÉROLA¹⁹

Num monte de sujeira, um galo,
 procurando comida, uma pérola encontrou.
 "Jazes, coisa preciosa", diz, "em lugar indigno!
 Se alguém, sabendo teu valor, isso visse,
 retornarias já ao esplendor prístino.
 Eu, para quem o alimento seria melhor, te encontrando,
 a ti não posso ser útil, nem a mim podes."
 Narro isso para aqueles que não me entendem.

*N.T. *Pullus*, significa filhote de galinha, frango, pinto. Preferiu-se traduzir por galo por questão de eufonia.

¹⁹ Tradução de Lucia Sá Rebello.

RANAE REGEM PETENTES

Athenae quum florerent aequis legibus,
 Procax libertas civitatem miscuit,
 Frenumque solvit pristinum licentia.
 Hic, conspiratis factionum partibus,
 Arcem tyrannus occupat Pisistratus.
 Quum tristem servitutem flerent Attici,
 (Non quia crudelis ille, sed quoniam grave
 Omne insuetis onus), et coepissent queri,
 Aesopus talem tum fabellam rettulit.
 Ranae vagantes liberis paludibus
 Clamore magno regem petiere a Jove,
 Qui dissolutos mores vi compesceret.
 Pater deorum risit, atque illis dedit
 Parvum tigillum, missum quod subito vadi
 Motu sonoque terruit pavidum genus.
 Hoc mersum limo quum jaceret diutius,
 Forte una tacite profert e stagno caput,
 Et, explorato rege, cunctas evocat.
 Illae, timore posito, certatim adnatant,
 Lignumque supra turba petulans insilit.
 Quod quum inquinassent omni contumelia,
 Alium rogantes regem misere ad Jovem,
 Inutilis quoniam esset, qui fuerat datus.
 Tum misit illis hydrum, qui, dente aspero,
 Corripere coepit singulas. Frustra necem
 Fugitant inertes; vocem praecludit metus.
 Furtim igitur dant Mercurio mandata ad Jovem,
 Afflictis ut succurat. Tunc contra deus:
 "Quia noluitis vestrum ferre, inquit, bonum,
 Malum perferte". Vos quoque, o cives, ait,
 Hoc sustinete, majus ne veniat malum.

AS RÃS PEDINDO UM REI²⁰

Quando Atenas vivia sob justas leis,
 uma liberdade desenfreada pôs em desordem o Estado,
 e o desmando rompeu o antigo controle.
 Então, tramando os membros dos partidos,
 o tirano Pisístrato ocupa o poder.
 Como os atenienses reclamassem a sua triste servidão,
 (não que ele fosse cruel, mas porque toda carga é difícil para os
 que não estão a ela acostumados), começaram a queixar-se.
 Por essa razão, Esopo contou esta fábula.
 As rãs, vagando livres nos pântanos,
 pediram a Júpiter, com grande alarido, um rei
 que, pela força, contivesse os costumes dissolutos.
 O pai dos deuses riu e deu-lhes
 uma pequena vareta que, atirada, aterrorizou a temerosa raça com
 o repentino movimento e ruído das águas.
 Como as rãs tivessem ficado muito tempo imersas no lodo,
 uma delas, por acaso, põe a cabeça para fora charco sem ruído
 e, tendo examinado o rei, chama as demais.
 Perdido o medo, chegam nadando apressadamente
 e, de forma atrevida, saltam sobre a vara.
 Tendo ultrajado aquilo com todo o tipo de ofensa,
 enviam outro mensageiro a Júpiter para que pedisse um novo rei,
 porque aquele que lhes tinha sido enviado era inútil.
 Então ele lhes mandou uma hidra que, com seu dente cruel,
 começou a devorar a cada uma delas. Em vão, as rãs inertes
 tentam fugir da morte; o medo cala as sua voz.
 Secretamente, dão a Mercúrio um recado para ser entregue a
 Júpiter, para que este ajude as aflitas. O deus, em resposta:
 "Porque não quiseram tolerar o bem, disse,
 Agüentem agora o mal." Vocês, também, cidadãos, disse Esopo,
 suportem este mal, para que não lhes seja dado um pior.

²⁰ Tradução de Lúcia Sá Rebelo.

RANAE AD SOLEM

Vicini furis celebres vidit nuptias
 Aesopus et continuo narrare incipit:
 Uxorem quondam Sol quum vellet ducere
 Clamorem ranae sustulere ad sidera.
 Convicio permotus quaerit Juppiter
 Causam querelae. Quaedam tum stagni incola:
 “Nunc inquit omnes unus exurit lacus
 Cogitque miseras arida sede emori.
 Quidnam futuram est si crearit liberos?”

AS RÃS CONTRA O SOL²¹

Esopo viu célebres núpcias do seu vizinho ladrão
 e, sem demora, começou a narrar:
 Um dia, quando o sol quis casar,
 as rãs levantaram um clamor aos astros.
 Movido pelo clamor, Júpiter perguntou o motivo da gritaria.
 Então, um certo morador do pântano:
 “Agora, disse, um único seca todos os pântanos
 e obriga os miseráveis a morrer no lago seco.
 O que virá se tiver filhos?”

²¹ Tradução de Tamara Melo de Oliveira, Érika Cesário da Silva Pessoa e Adriana Grumann.

RANA METUENS TAURORUM PROELIA

Humiles laborant ubi potentes dissident.
 Rana in palude pugnam taurorum intuens
 “Heu! quanta nobis instat perniciēs” ait.
 Interrogata ab alia cur hoc diceret
 De principatu quum decertarent gregis
 Longeque ab illis degerent vitam boves
 “Est statio separata ac diversum genus;
 Sed pulsus regno nemoris qui profugerit
 Paludis in secreta veniet latibula
 Et proculcatas obteret duro pede:
 “Caput ita ad nostrum furor illorum pertinet”.

A RÃ TEMENDO AS BRIGAS DOS TOUROS²²

Os humildes sofrem onde os poderosos divergem.
 A rã, no brejo, observando o conflito dos touros diz:
 “Oh! Quão grande ruína nos ameaça”.
 Interrogada por outra por que dizia isso,
 quando os touros combatiam pelo poder e,
 longe delas, levavam a sua vida, respondeu:
 “É uma morada separada e uma raça diferente,
 mas o que fugir, expulso do reino do bosque,
 virá aos secretos esconderijos do brejo
 e esmagará, com a dura pata, a nós, as pisoteadas.
 Assim, a ira daqueles chega até a nossa vida”.

²² Tradução de Tamara Melo de Oliveira, Érika Cesário da Silva Pessoa e Adriana Grumann.

VULPES ET CICONIA

Nulli nocendum; si quis vero laeserit
 Multandum simili jure fabella admonet.
 Vulpes ad coenam dicitur ciconiam
 Prior invitasse et illi in patina liquidam
 Posuisse sorbitionem quam nullo modo
 Gustare esuriens potuerit ciconia.
 Quae vulpem quum revocasset intrito cibo
 Plenam lagenam posuit: huic rostrum inserens
 Satiatur ipsa et torquet convivam fame.
 Quae quum lagenae collum frustra lamberet
 Peregrinam sic locutam volucrem accepimus:
 “Sua quisque exempla debet aequo animo pati”.

A RAPOSA E A CEGONHA²³

A ninguém se deve fazer mal; mas, se ainda assim o fizer,
 deve-se retribuir com uma punição de igual rigor, adverte a
 fábula.

Diz-se que, primeiramente, a raposa convidou a cegonha para
 uma ceia,

e serviu-lhe em um prato raso um caldo
 para que a cegonha faminta não o pudesse provar.
 Sendo por sua vez a raposa convidada pela cegonha,
 esta serviu-lhe um cântaro cheio de alimento esmigalhado:
 inserindo nele seu bico, farta-se a cegonha e aflige de fome a sua
 convidada.

Como ela lambesse inutilmente o gargalo do recipiente,
 crê-se que a ave peregrina assim tenha ponderado:
 “Deve-se tolerar os próprios exemplos com paciência”.

²³ Tradução de Tamara Melo de Oliveira, Érika Cesário da Silva Pessoa e Adriana Grumann.

GRACULUS SUPERBUS ET PAVO

Ne gloriari libeat alienis bonis
 Suoque potius habitu vitam degere
 Aesopus nobis hoc exemplum prodidit:
 Tumens inani graculus superbia
 Pennas pavoni quae deciderant sustulit
 Seque exornavit. Deinde contemnens suos
 Immiscuit se pavonum formoso gregi.
 Illi impudenti pennas eripiunt avi
 Fugantque rostris. Male mulcatus graculus
 Redire maerens coepit ad proprium genus;
 A quo repulsus tristem sustinuit notam.
 Tum quidam ex illis quos prius despexerat:
 "Contentus nostris si fuisses sedibus
 Et quod natura dederat voluisses pati
 Nec illam expertus esses contumeliam
 Nec hanc repulsam tua sentiret calamitas".

O GRALHO PRESUNÇOSO E O PAVÃO²⁴

Para que não tenha vontade de vangloriar-se do bem alheio
 e, na sua própria condição, viva a vida.
 À cerca disso, Esopo legou-nos um exemplo:
 O gralho intumescido pelo orgulho do leviano
 juntou as penas que caíram do pavão e enfeitou-se com elas.
 Depois, desdenhando os seus semelhantes,
 juntou-se ao formoso bando de pavões.
 Mas os pavões puxaram as penas da ave descarada,
 e afastaram-na a bicadas.
 O gralho muito triste começou a voltar para a própria espécie.
 Rejeitado, também, por esta, sofreu a triste marca.
 Então um desses que antes desprezara disse:
 "Se tivesses te conservado em nosso lugar,
 e suportado o que a natureza tinha te deu,
 não terias experimentado aquela injúria,
 nem tua desgraça sentiria tal repulsa."

²⁴ Tradução de Felipe Diego da Silva.

RANA RUPTA ET BOS

Inops potentem dum vult imitari perit.
 In prato quondam rana conspexit bovem
 Et tacta invidia tantae magnitudinis
 Rugosam inflavit pellem; tum natos suos
 Interrogavit an bove esset latior.
 Illi negarunt. Rursus intendit cutem
 Majore nisu et simili quaesivit modo
 Quis major esset. Illi dixerunt bovem.
 Novissime indignata dum vult validius
 Inflare sese rupto jacuit corpore.

A RÃ ARREBENTADA E O BOI²⁵

O homem fraco parece ao imitar o forte.
 Certo dia a rã avistou o boi no campo
 e, tomada por uma grande inveja,
 inflou sua pele rugosa, interrogando
 seus filhos se era maior que o boi.
 Estes disseram que não.
 Resolveu então fazer esforço maior e repetiu a pergunta.
 Novamente, eles disseram que o boi continuava maior.
 Por fim, inconformada, inflou-se mais ainda.
 Com isso, o corpo arreventou e ela ficou estirada no chão.

²⁵ Tradução de Felipe Diego da Silva.

LEO SENEX, APER, TAURUS ET ASINUS

Quicumque amisit dignitatem pristinam
 Ignavis etiam jocus est in casu gravi.
 Defectus annis et desertus viribus
 Leo quum jaceret spiritum extremum trahens
 Aper fulmineis ad eum venit dentibus
 Et vindicavit ictu veterem injuriam.
 Infestis taurus mox confodit cornibus
 Hostile corpus. Asinus ut vidit ferum
 Impune laedi calcibus frontem extudit.
 At ille exspirans: "Fortis indigne tuli
 Mihi insultare"; te naturae dedecus
 Quod ferre cogor certe bis videor mori.

O LEÃO SENIL, O JAVALI, O TOURO E O ASNO²⁶

Todo aquele que deixou ir o prestígio de outrora,
 mesmo para os indolentes, é joguete em sua decadência.
 Como abandonado pelos anos e deserto de forças o leão
 se prostrasse, exalando o último suspiro,
 o javali, com dentes fulminantes, a ele veio
 e vingou de um golpe uma antiga injúria.
 Com nocivos chifres, o touro trespassou o inimigo corpo.
 O asno, que viu a fera ser impunemente ferida,
 arrancou-lhe, a coices, a fronte. E ele, ao expirar:
 "Os fortes, com indignação, suportei me insultarem";
 Oh vergonha da natureza, porque a tolerar-te sou obrigado,
 na verdade, duas vezes parece que morro.

²⁶ Tradução de Guilherme Aquino Mendiccelli.

LUPUS ET GRUIS

Qui pretium meriti ab improbis desiderat
 Bis peccat: primum quoniam indignos adiuvat
 Deinde quia jam non potest impune abire.
 Os devoratum fauce quum haereret lupi
 Magno dolore victus coepit singulos
 Illicere pretio ut illud extraherent malum.
 Tandem persuasa est jurejurando gruis
 Gulaeque credens colli longitudinem
 Periculosam fecit medicinam lupo.
 A quo quum pactum flagitaret praemium:
 “Ingrata es inquit ore quae nostro caput
 Incolume abstuleris et mercedem postules!”

O LOBO E O GROU²⁷

Quem deseja dos desonestos o pagamento por um serviço
 presta erra duas vezes: primeiro, porque ajuda os indignos,
 em seguida, porque já não pode sair sem danos.
 Como um osso devorado se pegasse à goela do lobo,
 vencido por grande dor, começou a atrair com um prêmio
 a cada um, para que extraíssem aquele mal.
 Finalmente, o grou foi persuadido pela promessa,
 e, metendo toda a extensão de seu pescoço à goela,
 fez no lobo perigosa cirurgia.
 Como dele fosse reclamada a recompensa combinada,
 o lobo disse: “És ingrato, porque retiraste de minha boca,
 sem danos, tua cabeça, e ainda me cobras recompensa!”

²⁷ Tradução de Guilherme Aquino Mendiccelli.



Editoração e impressão:



